

A CULTURA ESCOLAR DE ENSINO SECUNDÁRIO CAMPO-GRANDENSE: LEITURAS NAS MEMÓRIAS DE MARIA CONSTANÇA BARROS MACHADO

Daniela Felisberto da Silva

Resumo

O presente estudo é parte da pesquisa de mestrado e faz interlocução com a História e a Sociologia. A problematização é assim constituída: como trabalhar com memórias nos estudos acadêmicos do campo da educação? Quais elementos da cultura escolar são enfatizados nas memórias da professora de ensino secundário Maria Constança? Os objetivos específicos são: discorrer sobre a pesquisa no campo da educação que se apóia em fontes memorialísticas, problematizar a cultura escolar e sua interferência na dinâmica da escola, a fim de compreender as pistas trazidas na memória de Maria Constança, que revelam a cultura escolar do ensino secundário. Há embasamento em Nóvoa (1999); Pérez Gómez (2000) e Pessanha (2013). O ensino secundário construiu uma cultura escolar pautada em práticas que geravam nos agentes-estudantes as posturas esperadas para a vida em sociedade.

Palavras-chave: cultura escolar; ensino secundário; sul de Mato Grosso.

Introdução

O presente estudo faz parte do projeto de pesquisa e faz interlocução com a História e a Sociologia. Tratar da cultura escolar no ensino secundário por meio de memórias mostra-se pertinente uma vez que estas revelam elementos presentes na referida etapa de ensino.

Para tanto se delimitou a seguinte problematização: Como trabalhar com memórias nos estudos acadêmicos do campo da educação? Quais elementos da cultura escolar são enfatizados nas memórias da professora de ensino secundário Maria Constança? Para responder às questões tem-se como objetivo perscrutar aspectos da cultura escolar de ensino secundário presentes no relato da professora em questão, dada sua reconhecida dedicação enquanto diretora do Colégio Estadual entre 1939 e 1966.

Os objetivos específicos consistem em: Os objetivos específicos são: discorrer sobre a pesquisa no campo da educação que se apóia em fontes memorialísticas, problematizar a cultura escolar e sua interferência na dinâmica da escola, a fim de compreender as pistas trazidas na memória de Maria Constança, que revelam a cultura escolar do ensino secundário.

Para a construção do estudo extraíram-se do relato de Maria Constança a Sá Rosa (1990) os trechos que remetiam à cultura escolar, a partir das práticas do Colégio Estadual Campograndense, instituição pública de ensino secundário que se destacou em

Campo Grande pelo ensino de excelência sendo, inclusive, disputado por diversas famílias, ainda que existissem outras três escolas particulares de ensino secundário na cidade: Colégio Osvaldo Cruz, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e Colégio Dom Bosco.

Uma vez que os dados empíricos foram coletados nas memórias biográficas de Maria Constança, há que se destacar a pertinência das memórias nos estudos científicos, uma vez que, à luz do suporte teórico devido, estas trazem importantes contribuições às pesquisas que buscam (re)descobrir elementos nem sempre presentes na historiografia acadêmica.

Dadas as considerações, o estudo está dividido da seguinte forma: no primeiro tópico, intitulado “A contribuição das memórias aos estudos acadêmicos do campo da educação”, realiza-se uma breve discussão acerca do trabalho com memórias nos estudos científicos, evidenciando-se a importância do olhar crítico sobre estas.

No segundo, sob o título de “A cultura do ensino secundário no relato de Maria Constança: um olhar sobre o Colégio Estadual Campo-grandense” desenvolve-se a proposta do estudo com abordagens sobre o conceito de “cultura escolar”, bem como a análise dos elementos levantados pela referida professora no período em que foi diretora do Colégio Estadual Campo-grandense.

Por fim, nas considerações finais são retomadas as questões propostas com as respectivas respostas construídas a partir das discussões realizadas nesta produção. Os dados empíricos foram extraídos das memórias de Maria Constança na obra “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul” e há embasamento em Adimari (2005); Nóvoa (1999); Pérez Gómez (2000) e Pessanha (2013).

A contribuição das memórias aos estudos acadêmicos do campo da educação

Uma vez que a cultura escolar de ensino secundário campo-grandense é trabalhada nesta proposta a partir das memórias da professora Maria Constança, este tópico objetiva explicar sobre a pertinência das fontes memorialísticas aos estudos acadêmicos do campo da educação, bem como o cuidado a ser tomado pelo pesquisador que decide utilizá-las. Compreende-se que

[...] a memória humana, apesar de na maior parte das vezes se expressar individualmente, é inesgotável e múltipla. Inscreve-se na dinâmica multicultural da vida, é dilacerada, plural, coletiva. Nela está presente um cabedal infinito de recordações e lembranças,

relacionadas ao entrecruzamento de tempos múltiplos [...]. (DELGADO, 2010, p. 63).

Nesse aspecto, há que se considerar que a memória é composta por acontecimentos que se cruzam e não seguem uma cronologia sequencial nas lembranças do indivíduo. Logo, não se pode ignorar o fato de que os relatos são construídos tanto por aspectos individuais, quanto por coletivos e, portanto, se revelam a partir da dinâmica social experienciada e algumas vezes “criada” pelos sujeitos.

A memória não é um espelho, mas um filtro, e o que passa pelo filtro, nunca é a mesma realidade, mas uma realidade sempre recriada, reinterpretada e às vezes, até consciente ou inconscientemente imaginada tanto que pode chegar, na mente do que recorda, para substituir, com vantagem, o que realmente aconteceu. (VIÑAO, 2000, p. 2).

Assim, considera-se que fontes de perfil memorialista são produções que devem ser lidas com cautela. Em contrapartida, há que se destacar que além de considerarem a história oficial, obras desse gênero registram os feitos ocorridos na região, bem como as personalidades da época.

Percebe-se que o trabalho dos memorialistas não compõe uma memória histórica rigorosamente construída, em consonância com os procedimentos historiográficos que se vão consolidando entre os historiadores profissionais, com muitas informações repetitivas, mas, nem por isso, o trabalho dos memorialistas deixa de ser importante, pois, muitas vezes, são eles que nos fornecem indícios de como e por onde começam os trabalhos de pesquisa. (GATTI, 2010, p. 16).

Partindo do que é ressaltado por Gatti (2010) extrai-se que, ainda que autores desse perfil não escrevam com pretensões acadêmicas, contribuem significativamente para os estudos científicos, pois enfatizam aspectos que complementam a história já conhecida, porém com elementos ainda não revelados.

Além dessa questão, há que se considerar que a obra do memorialista tem um alcance maior do que os trabalhos acadêmicos, no que se refere ao acesso. Daí também emerge a importância de tomar essas obras como objeto de análise, extraindo delas o máximo possível de seu potencial narrativo, sistematizando seus registros e elucidando elementos subjacentes. A obra do memorialista [...] pode trazer conteúdos dificilmente encontrados em outras fontes documentais, já que estas, na maioria das vezes, trazem conteúdos mais pontuais – como é o caso dos documentos oficiais. (SILVA, 2010, p. 13).

Nesse contexto, ao utilizar fontes diversas, o pesquisador consegue captar informações que permaneciam ocultas, pois as obras memorialísticas são produções construídas por diletantismo e, por isso, podem trazer aspectos relacionados às dinâmicas sociais de outros tempos e espaços.

Por meio de um trabalho minucioso, os historiadores podem redescobrir e atualizar certa quantidade de fatos grandes e fatos pequenos, que se acreditava perdidos para sempre, especialmente quando têm a sorte de encontrar memórias inéditas. (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Isto posto, a presença do relato de Maria Constança na obra “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul” foi considerada pertinente ao estudo, pois são levantadas informações sobre sua atuação enquanto diretora do Colégio Estadual.

O livro, de autoria de Maria da Glória Sá Rosa é uma coletânea de entrevistas com professores aposentados, e é considerada fonte memorialística, pois os relatos são mantidos na íntegra e não há análises por parte da autora.

A cultura do ensino secundário no relato de Maria Constança: um olhar sobre o Colégio Estadual Campo-grandense

Sabe-se que a instituição escolar sempre existiu com o objetivo de preparar os indivíduos para a sociedade e, para isso é necessário um conjunto de planejamentos e normas que permita a organização de possibilidades para alcance desse objetivo. “A escola tem de ser encarada como uma comunidade educativa, permitindo mobilizar o conjunto dos actores sociais e dos grupos profissionais em torno de um projecto comum.” (NÓVOA, 1999, p. 35).

Tratando-se de um espaço que recebe sujeitos com diferentes trajetórias, essa instituição exerce suas atividades a partir de um “padrão” que é absorvido diariamente por todos que estão envolvidos no processo educativo. Nesse aspecto, diretores, coordenadores, professores e alunos ingressam no campo educacional e são permeados por condutas específicas daquele espaço.

A escola [...] desenvolve e reproduz sua própria cultura específica. Entendo por isso o conjunto de significados e comportamentos que a escola gera como instituição social. As tradições, os costumes, as

rotinas, os rituais e as inércias que a escola estimula e se esforça em conservar e reproduzir condicionam claramente o tipo de vida que nela se desenvolve e reforçam a vigência de valores, de expectativas e de crenças ligadas à vida social dos grupos que constituem a instituição escolar. É fácil compreender a influência que esta cultura tem sobre as aprendizagens vivenciais e acadêmicas dos indivíduos que nela vivem, [...]. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 131).

Como a escola é uma instância formadora de indivíduos, possui práticas que traçam os caminhos a serem percorridos para a concretização desse objetivo. São essas práticas que desenham a cultura escolar e fazem com que os alunos se posicionem da maneira necessária à sociedade.

A totalidade dos elementos da cultura organizacional têm de ser lidos *ad intra* e *ad extra* as organizações escolares, isto é, têm de ser equacionados na sua “interioridade”, mas também nas inter-relações com a comunidade envolvente. De facto, se a cultura organizacional desempenha um importante papel de integração, é também um fator de diferenciação externa. As modalidades de interação com o meio social envolvente constituem, sem dúvida, um dos aspectos centrais da análise da cultura organizacional das escolas. (NÓVOA, 1999, p. 32).

Feitos tais esclarecimentos as discussões a seguir são direcionadas ao Colégio Estadual Campograndense, instituição pública de ensino secundário entre os anos de 1939 e 1971, que ganhou prestígio na sociedade pela formação de qualidade e sucesso escolar dos alunos que ali ingressavam.

Uma vez que o ensino secundário foi uma etapa escolar destinada a preparar os alunos para os cursos superiores e futuros dirigentes sociais, os conteúdos eram propedêuticos e as práticas direcionadas à valorização da pátria e moralidade. Maria Constança Barros Machado foi a responsável pela instalação do Colégio Estadual e por anos dirigiu a instituição com pulso firme. Sobre as questões culturais ela afirma:

Eu me preocupava com a parte cultural do Ginásio Campo-Grandense. Estimulei a criação do Grêmio Literário Machado de Assis, que promovia festas, com cantos, discursos, declamações. Como estávamos em plena ditadura de Getúlio Vargas, estas festas costumavam terminar com as crianças dando vivas ao presidente e à diretora. [...] O Grêmio Machado de Assis foi fundado em 1943. Uma de suas principais realizações foi a criação do jornal **A Pena** com artigos dos alunos. [...]. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 66).

A criação de grêmios, bem como atividades culturais em geral possibilitam, além do incentivo à maior participação dos alunos na dinâmica escolar, marcar a instituição na sociedade e, desse modo, divulgar características que compõem o ensino de excelência.

[...] a criação e manutenção de corais, bandas, grêmios, associações de alunos e associações de ex-alunos, indicam a preocupação de, além de ser exemplar, externar essa exemplaridade mesmo fora dos muros da escola. (PESSANHA, 2013, p. 235).

De fato, o Colégio Estadual se destacou de tal modo que famílias pertencentes às elites escolhiam matricular os filhos na instituição, ainda que tivessem condições de optar pelos estabelecimentos particulares da cidade. Maria Constança afirma que:

O Estadual começou a ganhar prestígio, através de seus professores, de modo que havia briga entre as famílias para conseguirem uma vaga. Os exames de admissão eram realizados dentro da maior seriedade – havia uma quantidade enorme de candidatos, mas só passava quem sabia redigir, resolver problemas de Matemática, reconhecer os acidentes geográficos no mapa, e explicar os porquês da História do Brasil. Havia ainda exame oral. Os professores levavam dias arguindo os candidatos, era um trabalho imenso. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 67).

Uma informação que sinaliza sobre a dedicação de professores e alunos é apontada por Maria Constança ao relatar sobre uma competição de perguntas que ocorreu entre as quatro escolas.

Um das atividades culturais mais empolgantes daquele tempo foi a maratona organizada pela Base Aérea, na Semana da Asa de 1944 [...]. A maratona consistia num concurso de perguntas e respostas retiradas dos conteúdos das disciplinas das várias séries. [...] Participaram da competição os colégios secundários da época: Osvaldo Cruz, Dom Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora e o Estadual, que era o mais novo. Em toda minha vida, nunca vi tanto entusiasmo entre os alunos, como naquele tempo. O prêmio seria um troféu [...]. Os professores participaram do certame, animando os alunos em suas residências, até tarde da noite. [...] Não se falava de outro assunto, a não ser em ganhar a taça. Houve alunos, que até decoraram o livro inteiro das disciplinas da série. [...] Nessa saiu vencedor o Estadual. [...] Os alunos receberam a taça, pegaram a fanfarra e com ela à frente desfilaram pela rua 14, dando vivas, cantando e levantando o troféu. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 66).

Nota-se que ganhar o troféu representava a simbolização da excelência da escola. Desse modo, ao prepararem-se com afinco para a maratona, os sujeitos escolares

demonstravam o esforço de mostrar para a sociedade a distinção do colégio em relação aos demais. Ao mesmo tempo, evidencia-se uma relação muito próxima entre professores e alunos, que se uniam em busca do destaque da escola.

[...] a análise das interações entre professores e alunos precisa levar em consideração o cruzamento dos vários sentidos a elas atribuídos por esses mesmos agentes e estar inserida na análise da cultura escolar que os produziu e foi por eles produzida. (PESSANHA, 2013, p. 236).

A partir das considerações de Pessanha (2013), esse fato pode ser considerado como uma evidência da cultura escolar de ensino secundário por retratar a forte dedicação aos estudos, dada à rigurosidade de formação do ensino secundário, caracterizado como “para poucos” desde os exames de admissão, que já exigiam dos alunos grande preparo intelectual. Em outro trecho de seu relato, Maria Constança aborda sua postura enquanto diretora da instituição:

Sempre tive fama de rigorosa, de energética, o que não nego, pois a disciplina, o progresso dos alunos eram questões fundamentais pra mim. Eu visitava as salas de aula, acompanhava pessoalmente o progresso dos alunos, discutia com os professores o bom andamento das classes. Quando algum professor reprovava mais da metade da classe, eu sempre achava que a culpa era dele, então chamava-o e incentivava-o a mudar os métodos, para que os estudantes não fossem prejudicados. Quando eles faltavam à aula, ou ficavam de namoro na porta da escola, eu telefonava para os pais, chamava-os para discutir comigo os problemas dos filhos. Analisava as provas de cada disciplina, chamando o professor para discutir comigo as questões, que julgava mal formuladas ou corrigidas com pressa. Não gritava com os alunos, nem com os professores. Bastava olhar para um aluno, e ele já sabia que estava errado, deixava a arrogância de lado e vinha humilde falar comigo. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 68).

Partindo dessas memórias, concorda-se com Adimari (2005), que realizou entrevistas com ex-alunos e ex-professores do Colégio Estadual e constatou que havia um cruzamento de culturas, ou seja, os interesses da sociedade mesclavam-se com a cultura escolar, o que fazia com que a instituição prezasse pelo bom comportamento e desenvolvimento exemplar, posturas esperadas também na dinâmica social.

Ao considerarem-se essas questões, pode-se compreender a preocupação de Maria Constança em fiscalizar rigorosamente o que ocorria nas salas de aula, pois eram os professores os responsáveis por colocar em prática os objetivos da escola. Assim, conscientes da importância de seu papel na sociedade, o corpo docente do Colégio Estadual tinha uma boa atuação. Nas palavras da ex-diretora:

Os professores eram de uma dedicação imensa. O Prof. Luís Cavalon ia diariamente à escola de bicicleta. Subia a rampa cansado, ia dar suas aulas de Matemática e Física com o maior entusiasmo. O Prof. Nagib Raslan chegava também de bicicleta, sorridente, cumprimentava a gente e ia dar suas aulas de Inglês. A Prof^a Ruth Pinheiro da Silva preparava muito bem seus alunos de Biologia. Trazia microscópio e lâminas de seu uso pessoal, para dinamizar as aulas práticas. A Prof^a Iolanda Saraiva Mendes era tão dedicada aos alunos de Geografia, que deu aulas até o último dia de gravidez. Naquela época, tinha professoras que nem tiravam licença de maternidade. Se o filho nascia nas férias, trabalhavam com aquelas barrigas enormes, suando, mas com a maior alegria. As professoras Hermínia Grise Arguello, Helena Gasparini e Glorinha Sá Rosa organizaram festas fabulosas no Estadual. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 71).

Sobre esse aspecto, concorda-se com Adimari (2005, p. 106) quando discorre sobre o significado de lecionar e estudar no Colégio Estadual. “A escola era vista como fator de elevação do prestígio do professor, provocava a estima dos alunos, que participavam ativamente dos eventos promovidos pela escola [...]”.

A partir do que é exposto por Adimari (2005) percebe-se que, dada a distinção social do ensino secundário, compor o quadro docente representava para os professores muito mais do que estar à frente da sala de aula, pois

[...] na organização da escola e nas relações dessa com a comunidade, o corpo docente constitui um grupo social que influencia os modos de gestão, que orienta as tomadas de decisões e de participação na vida social da escola e, que define a construção de sua identidade e de seus valores. (SILVA; PESSANHA, 2008, p. 5).

Pautando-se no que dizem Silva e Pessanha (2008) justifica-se o modo como os professores se entregavam ao Colégio Estadual, pois, estando em uma instituição que ganhava cada vez mais prestígio na sociedade, percebiam que suas ações resultavam e forma significativa nas conquistas da escola.

Eu era exigente das horas necessárias. No recreio brincava de roda, de bola com os alunos. Cantava todos os hinos com eles, desfilava ao lado deles nas paradas. Estas eram lindas com desfile de fantasias e eram organizadas pela Prof. Hermínia José Argüello que se esmerava na criação dos trajes, das cores alegóricas, cada um mais criativo do que o outro. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 68).

Nesse aspecto, dada à rigorosidade do ensino secundário, esta influenciava nas ações de Maria Constança em relação aos professores e estes, por sua vez, exerciam seu trabalho em busca do progresso dos alunos.

A instituição escolar é organizada, com papéis claramente definidos para cada grupo que compõe a organização: alunos, professores, pais e funcionários. A interação entre os grupos, os interesses e as relações de poder e as experiências sociais e culturais de cada grupo configuram, no interior da instituição, uma cultura própria, um conjunto de significados e comportamentos costumes, rotinas, rituais conservados e reproduzidos pela escola. (PESSANHA, 2013, p. 233-234).

Como o objetivo era preparar os alunos para os cursos superiores e, futuramente, ocuparem cargos importantes na sociedade, a cultura escolar de ensino secundário era marcada pela dedicação de todos os sujeitos envolvidos nas práticas escolares. Como forma de reforçar a qualidade do ensino no Colégio Estadual, Maria Constança relata que ia até as salas informar sobre egressos aprovados em vestibulares.

O Estadual continuou mantendo sua fama de melhor estabelecimento de ensino secundário da cidade. Os alunos, que terminavam o científico conosco, passavam, sem fazer cursinho, nas melhores faculdades do Brasil, me escreviam contando seus feitos, que eu ia orgulhosa divulgar nas salas de aula. Havia turmas inteiras que passavam lá fora, no vestibular, sem uma reprovação. (MACHADO apud SÁ ROSA, 1990, p. 68).

Desse modo, pode-se afirmar que as conquistas do Colégio Estadual estavam diretamente ligadas ao peso da cultura escolar do ensino secundário, uma vez que, imersos em uma instituição que pautava suas ações nos interesses da sociedade, todos os sujeitos envolvidos nas práticas escolares apreendiam os valores e ideologias daquele espaço.

Considerações finais

Este estudo buscou trabalhar, a partir das memórias de Maria Constança, elementos que compuseram a cultura escolar de ensino secundário em Campo Grande, especialmente no Colégio Estadual Campograndense, instituição que fundou e dirigiu

por muitos anos. A fim de melhor desenhar as pistas levantadas, retomam-se as perguntas que nortearam as discussões.

Como trabalhar com memórias nos estudos acadêmicos do campo da educação?

As memórias apresentam-se como contribuições importantes às investigações acadêmicas por serem testemunhos de sujeitos que vivenciaram diferentes épocas. Nesse aspecto, ainda que carreguem subjetividades e não possuam uma ordem cronológica fiel aos acontecimentos, trazem elementos que preenchem lacunas ainda incompletas na historiografia acadêmica.

O papel do pesquisador, nesse aspecto, é conhecer como se configurava a sociedade na época investigada, pois dessa maneira consegue utilizar as memórias de forma crítica e identificar as informações que podem contribuir para a reconstrução do passado.

Nesse aspecto, no trabalho com memórias deve ser feito o diálogo entre estas e a história, pois esses elementos se complementam e permitem responder questões ainda em branco no campo da pesquisa.

Quais elementos da cultura escolar são enfatizados nas memórias da professora de ensino secundário Maria Constança?

Os principais aspectos da cultura escolar levantados no relato de Maria Constança remetem à postura compromissada de alunos, professores e diretoria na busca pelo ensino de qualidade e do prestígio do Colégio Estadual.

Assim, enquanto diretora Maria Constança preocupava-se em acompanhar as dinâmicas em sala de aula, de modo a manter o bom desenvolvimento pedagógico da instituição, o que resultava no sucesso escolar dos egressos que eram aprovados nos cursos superiores, objetivo principal do ensino secundário.

As ações presentes da diretora refletiam nas práticas de professores e alunos. Enquanto os primeiros atuavam nos exames de admissão, davam boas aulas e participavam das manifestações culturais, os segundos esforçavam-se para acompanhar as exigências da escola a fim de prosseguir nos estudos, apresentando, inclusive, o interesse em elevar o nome do colégio, uma vez que assim mostrariam a própria distinção dentro da sociedade.

Em síntese, uma vez que o ensino secundário foi uma etapa da escolarização caracterizada por preparar os futuros dirigentes sociais, construía uma cultura escolar pautada não só em rigorosos conteúdos, mas em práticas que geravam nos sujeitos as posturas esperadas para a vida em sociedade, ou seja, esforços em prol do bom desenvolvimento e servir de exemplo ao restante da população.

Referências

ADIMARI, M. F. **Escola e cidade: os sentidos dos espaços no Maria Constança, Campo Grande**. 2005. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GATTI, Giseli Cristina do Vale. **Tempo de cidade, lugar de escola: dimensões do ensino secundário no Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950)**. 2010. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

NÓVOA, A. Para uma análise das instituições escolares. **In: NÓVOA, A. (Org.). As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PESSANHA, E. C. Estudar e lecionar em escolas exemplares – cruzamento de sentidos. **Revista e-Curriculum**, v.11, n. 01, abr./ 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/4334/11304>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

SÁ ROSA, M. G. **Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida**. Campo Grande: UFMS, 1990.

SILVA, F. C. T.; PESSANHA, E. C. Professores e alunos compondo a história de uma educação exemplar no sul do Mato Grosso (1939-1950): a Escola Maria Constança Barros Machado. In: Congresso Brasileiro de História da Educação 5, 2008. Aracajú. **Anais...** Aracajú, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/95.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

SILVA, Alice Felisberto da. **O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira – Hélio Serejo**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2010.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología e usos. **Revista Teias**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/20/22>>. Acesso: 14 maio 2014.